

Plano Cruzado vai ao fundo

O Plano Cruzado está fazendo água por todos os lados. Empresários começam a ameaçar a desobediência civil e promover um aumento generalizado de preços, que começa a ocorrer. Começam as pressões pelo fim do gatilho salarial, que eleva os salários sempre que a inflação atinge 20 por cento. Sarney chama Mário Amato, presidente da Fiesp, de "anarquista". Juros atingem 400 por cento ao ano na primeira semana de janeiro e consumidores exigem o fim da cobrança das taxas bancárias, criadas durante o Plano Cruzado. Prevê-se uma inflação de 15 por cento em janeiro, que na verdade chega a 16,82 por cento.

Contribuinte reclama contra o Leão do Imposto de Renda. Ao

invés de ser reajustada no ritmo da inflação, a tabela da Imposto de Renda retido na fonte sofre uma correção de apenas 12,3 por cento, com a desculpa de que esse foi o índice para reajustar o balanço das empresas. Começa a ser alinhavado o pacote com realinhamento de preços, fim do subsídio ao trigo e moratória. Pazzianotto promove 11 reuniões entre empresários e trabalhadores para discutir o pacto social e nada é acordado. Banco do Brasil leva um calote de Cr\$ 3 bilhões nas operações com juros subsidados de crédito rural. MEC fixa reajuste das escolas em 35 por cento mais adicional de 15 por cento, o que causa indignação nos pais dos alunos.